

CONHECIMENTO DOS ADOLESCENTES SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST) E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS EM UMA ESCOLA DO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS, PINHEIRO, MARANHÃO.

ANUNCIACÃO, Pâmela Mychelle Freitas da¹
SILVA, Jackgrayce Dutra Nascimento²

RESUMO

A vida sexual dos adolescentes se inicia em idades precoces, e muitas vezes, ocorrem sem adequadas precauções, colocando os jovens em risco de contrair uma infecção sexualmente transmissível ou enfrentar uma gravidez indesejada. A raiz do problema reside na falta de conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e dos métodos contraceptivos e na vulnerabilidade desses jovens em relação a tais questões. Desse modo, é crucial que os jovens recebam uma maior atenção no que diz respeito à sua saúde sexual. Portanto, o objetivo da pesquisa é promover a educação sexual no ambiente escolar, visando a conscientização, a prevenção e o cuidado com a saúde sexual dos adolescentes, de uma escola da rede municipal do povoado Ponta de Santana, Pinheiro – MA, Abraão Cardoso. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, aplicada, cujo público alvo foi alunos do 9º ano, com idades entre 14 e 15 anos, para tanto, foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário semi-estruturado. Como resultado, a compreensão dos alunos sobre os tópicos abordados melhorou significativamente e a metodologia utilizada demonstrou ser eficaz. A análise dos dados destaca a importância de investir em políticas educativas flexíveis e adaptáveis que acomodem a diversidade de perfis de estudantes e de trajetórias educativas. Enfatizou ainda a importância da educação sexual abrangente na escola, não só como medida preventiva, mas também como investimento no bem-estar e na saúde futura dos jovens, e como contribuidor para uma sociedade mais saudável e equitativa.

Palavras-chave: Educação sexual, Métodos contraceptivos, Escola, Prevenção, IST.

INTRODUÇÃO

A vida sexual dos adolescentes tem início cada vez mais cedo, antes mesmo de completarem 15 anos de idade, o interesse dessa camada da sociedade por novas experiências, conhecer pessoas e descobrir a sua sexualidade, em muitos casos, ocorrem sem nenhuma prevenção, expondo-os as doenças ou a uma gravidez não desejada (Koerich et al., 2010). O problema se encontra na vulnerabilidade e falta de conhecimento acerca dessas questões. Como forma de tentar diminuir a falta de conhecimento, a escola, sendo um meio de integração, entra com o fundamental papel de educação sexual, incluindo aprendizagem acerca de práticas sexuais seguras, métodos contraceptivos e prevenção de IST (Rosa et al., 2020).

As escolas mostram-se hoje como um local apropriado para discutir a sexualidade entre os adolescentes, pois ajuda os alunos a compreenderem os seus corpos, identidade de gênero, orientação sexual e relações interpessoais de uma forma saudável e informada.

A relevância dos esforços sobre o tema nas escolas pode ser corroborada por uma estatística cada vez mais preocupante. Os dados do Ministério da Saúde apontam que há uma forte tendência de crescimento dos casos de IST entre os adolescentes em idade escolar (BRASIL, 2018).

De acordo a Organização Mundial da Saúde (OMS), existem 46 bebês nascidos de mães adolescentes para cada 1.000 meninas de 15 a 19 anos no Brasil (Ministério da saúde, 2019). No estado do Maranhão, segundo o ConectaSUS, em 2022, 21% das mães são adolescentes nas faixas etárias de 10 a 19 anos (Governo do Maranhão, 2022).

Quanto às Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), o Boletim Epidemiológico de Sífilis 2018 publicado pelo Ministério da Saúde traz dados alarmantes mostrando um aumento de casos de sífilis no Brasil. Em comparação com 2016, a taxa de detecção entre mulheres grávidas aumentou 28,5%, a incidência de sífilis congênita aumentou 16,4% e a incidência de sífilis adquirida aumentou 31,8% (BRASIL, 2018).

Quanto ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), os dados mostram que aproximadamente 112.000 brasileiros estão infectados pelo vírus e mais de 135 mil vivem com o HIV e não sabem. Boletins epidemiológicos de HIV e AIDS coletados em 2016 coletaram dados de 4.444 casos por faixa etária, e a taxa de detecção entre homens de 15 a 19 anos quase triplicou, passando de 2,4 casos por 100.000 habitantes em 2006 para 6,7 casos em 2016. Entre as mulheres, a doença aumentou de 3,6 para 4,1 na faixa etária de 15 a 19 anos (BRASIL, 2019).

Considerando os dados, fica claro o quão grave e preocupante é a falta de informação sobre prevenção, gravidez na adolescência e as IST. Sem o conhecimento adequado, os adolescentes têm maior probabilidade de praticar sexo desprotegido, o que pode levar a gravidez indesejada e afetar a sua educação, carreira, relacionamentos e saúde sexual e reprodutiva, podendo ter efeitos negativos para a saúde a longo prazo. Portanto, é fundamental que as escolas continuem adotando como proposta metodológica a inclusão da abordagem sobre educação sexual, pois a escola tem a missão de preparar os alunos, não só para grau de escolaridade, como também para a vida em sociedade (Santos, 2014).

A fim de investigar estes aspectos, tem-se como o objetivo geral promover a educação sexual no ambiente escolar, visando a conscientização, a prevenção e o cuidado com a saúde sexual dos adolescentes, da escola municipal Abraão Cardoso, do povoado Ponta de Santana, Pinheiro – MA, bem como investigar o conhecimento dos alunos sobre as Infecções Sexualmente transmissíveis (ISTs) e os Métodos Contraceptivos; Apresentar os Métodos Contraceptivos disponíveis, bem como sua descrição, classificação, vantagens e desvantagens e as Infecções Sexualmente Transmissíveis mais recorrentes entre os adolescentes; Aplicar metodologias ativas, através de jogos sobre as diferentes

ISTs, incluindo suas causas, sintomas, formas de transmissão, métodos de prevenção e tratamento disponíveis.

O presente estudo fundamenta a escolha desta escola pela necessidade urgente de suprir a falta de orientação em saúde para os jovens. A escassez de profissionais da saúde no posto médico impede que os estudantes recebam aconselhamento adequado sobre questões importantes para a sua saúde. Além disso, a falta de materiais educativos, como livros e recursos tecnológicos, impõe limitações significativas ao processo de aprendizagem e afeta o desenvolvimento acadêmico dos alunos.

É válido ressaltar que ao trabalhar educação sexual no âmbito escolar pode-se prevenir diversas mazelas sociais, bem como violências, gravidez precoce, disseminação de ISTs. Além disso, a eficácia desta abordagem vai além da mera consciência. Inclui várias razões que destacam a necessidade urgente de proporcionar este tipo de educação em ambientes com poucos recursos e uma comunidade com acesso limitado à informação.

METODOLOGIA

Trata – se de um estudo qualitativo realizado na Escola Municipal Abraão Cardoso. O público-alvo deste trabalho foram alunos do ensino fundamental (9º ano), e foram selecionados estudantes de 14 e 15 anos, onde a fase incidência de Infecções Sexualmente Transmissíveis é maior.

Os primeiros momentos foram dedicados à apresentação do tema. Foram usadas duas aulas para apresentar o tópico, solidificar a compreensão sobre ele e estabelecer as bases para o que estava por vir. No entanto, uma simples exposição não é suficiente para garantir o entendimento, por isso, uma roda de conversa foi organizada, onde os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas dúvidas e suas preocupações. As interações entre os alunos proporcionaram um ambiente mais dinâmico e participativo, permitindo uma absorção de informações mais significativa.

Para o aprendizado torna - se uma experiência interativa e lúdica, foi introduzido um jogo de tabuleiro projetado para desafiar os estudantes a aplicarem seus conhecimentos de maneira prática. O objetivo do jogo era educar os alunos do 9º ano sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e Métodos Contraceptivos, promovendo conscientização e prevenção, ao mesmo tempo em que se divertiam. Como segunda proposta de jogo, foi elaborado um jogo de simulação de cenários onde os alunos resolviam uma situação específica sobre um tema com base em informações obtidas

¹ Graduado do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, pamelamychele29@gmail.com;

² Jackgrayce Dutra Nascimento Silva: Mestre, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, jackgrayce.silva@ifma.edu.br;

anteriormente. Isso não apenas testa sua compreensão, mas também facilita a aplicação desse conhecimento a situações da vida real.

Como terceira proposta, os alunos foram incentivados a criar um mural informativo sobre o tema e expressar seus próprios pensamentos, bem como mensagens de conscientização e prevenção sobre o assunto. O processo de criação do mural não só fortaleceu a compreensão do tema, mas também promoveu um sentido de propriedade e responsabilidade. Os alunos não eram mais apenas receptores passivos de informações, agora eles desempenham um papel ativo na disseminação do conhecimento.

Por fim, para coleta e análise de dados, os dados foram obtidos por meio de um questionário semiestruturado, fornecido ao final do último dia, para verificar se a metodologia aplicada nesta pesquisa contribuiu para o conhecimento/esclarecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e Métodos Contraceptivos. Todas as informações foram organizadas qualitativamente e mantidas sob termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados do estudo foram apresentados por meio de gráficos e tabelas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento das práticas de educação sexual se deu no início do século XX e centrou-se no controle epidemiológico. Prevalciam, na época, discursos que eram, em geral, repressivos, ancorados em pressupostos da moralidade religiosa e reforçados pelo caráter sanitário das estratégias de saúde pública (Figueiró, 2010; Lopes, 2015). Com a evolução dos debates políticos acerca dos direitos sexuais e reprodutivos, são destacados documentos produzidos a partir de conferências realizadas no Cairo e em Pequim, na década de 1990, que centraram em questões como os direitos humanos, a liberdade sexual, a saúde e a educação:

Enfatizou-se a responsabilidade dos Estados em facilitar o acesso às informações relativas à saúde sexual e reprodutiva por meio de políticas públicas e desenvolver ações que abrangessem temáticas de planejamento familiar, métodos contraceptivos, aborto seguro (conforme a permissão do país), aconselhamento e serviços obstétricos (Taquette et al., 2013).

Assim as discussões sobre o sexo começaram a não ser atrelado somente a reprodução. Dessa forma, a sexualidade é reconhecida como tema desde a primeira infância e, por isso, as escolas têm o privilégio de implementar políticas e projetos que garantam os direitos reprodutivos e sexuais dos alunos nos ambientes educacionais (Gava; Villela, 2016). A intenção de inserir esse assunto no âmbito escolar tornou-se evidente através da inserção da Educação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN

como um tema transversal. Segundo os PCN, eles devem ser abordados durante todos os ciclos de escolarização, de duas formas distintas: dentro da programação, por meio de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo e como extraprogramação, sempre que surgirem questões referentes ao tema (Altmann, 2003).

De forma a garantir essa progressão, a BNCC destaca que nos anos finais do ensino fundamental na área de Ciências da Natureza é imprescindível a abordagem de temas como reprodução e sexualidade, contribuindo para a formação de estudantes reflexivos e responsáveis por suas escolhas, valorizando a si mesmo e ao coletivo; com um cuidado integral com a saúde física, sexual, reprodutiva e sobretudo mental (Brasil, 2017). Dessa forma, a proposição da BNCC é que o ensino de ciências promova um ambiente em que os alunos desenvolvam habilidades como comparar, identificar, descrever, investigar, argumentar, inferir, relacionar e raciocinar (BRASIL, 2018).

Para que a educação em saúde sexual seja eficaz, é importante que seja abrangente, precisa e aberta ao diálogo. A promoção da educação em saúde sexual capacita as pessoas a tomar decisões informadas, cuidar da sua saúde sexual e construir relacionamentos respeitosos e saudáveis (Bortolini et al., 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra incluiu 19 alunos do ensino fundamental da Escola Abraão Cardoso, localizada no povoado Ponta de Santana da cidade de Pinheiro – MA, no mês de novembro de 2023. O questionário utilizado incluiu 12 questões objetivas e discursivas. Foram excluídos da amostra os participantes que não forneceram todas as informações exigidas para o estudo, o que correspondeu a uma exclusão total. Desta forma, foram analisados os dados de 19 participantes. Para as questões, utiliza – se gráficos e tabelas para explicitar as respostas obtidas.

Na primeira questão constatou – se maior frequência entre os estudantes do sexo feminino (58%) e menor entre os estudantes do sexo masculino, sendo (42%). Logo, a segunda questão a faixa etária dos alunos, que era entre 14 e 18 anos.

Questionados acerca da metodologia utilizada em sala de aula, a segunda questão solicitava que os alunos avaliassem se o conteúdo abordado na aula foi claro e compreensível, obtendo um resultado otimista de (65%) dos alunos. A clareza e compreensibilidade do conteúdo, evidenciada pelo resultado, destaca a importância crucial de uma abordagem didática que priorize a transmissão efetiva de conhecimento.

Imagem 1 – Registro do aula



Fonte: Autoria própria, 2024.

Em relação a utilização de recursos visuais (apresentação em slide, Datashow, vídeos) e a aplicabilidade dos jogos, obteve – se um resultado satisfatório de (90%) dos alunos. A utilização desses recursos vai além da simples transmissão de conhecimento. Ela tem o potencial de tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, incentivando a participação ativa dos alunos.

Por outro lado, os jogos educativos desenvolvem competências cognitivas importantes no processo de aprendizagem, eles têm uma função claramente definida de proporcionar uma função lúdica, bem como uma função educativa. As características lúdicas estão associadas à alegria e à diversão; A função educativa visa ampliar o conhecimento; os jogos didáticos visam concretizar conteúdo específicos para utilização em ambientes escolares (Godol et al., 2010).

Imagem 2 – Tabuleiro



Fonte: Autoria própria, 2024.

Imagem 3 – Fichas do Jogo de Tabuleiro



Fonte: Autoria própria, 2024.

Imagem 4 – Aplicação do Jogo de Tabuleiro



Fonte: Autoria própria, 2024.

Imagem 5 – Alunos analisando as fichas do jogo simulação de cenário



Fonte: Autoria própria, 2024.

Imagem 6 – Mural Informativo



Fonte: Autoria própria, 2024.

Imagem 7 – Pesquisadora e alunos



Fonte: Autoria própria, 2024.

Quando questionados sobre quais são as formas de contrair uma IST, obteve – se um resultado positivo de (68,42%) da turma, e suas respectivas respostas estão evidenciadas na (Tabela 1):

Tabela 1 – Respostas dos alunos para a questão de quais as formas de se contrair uma IST

Aluno a: “Pelo sexo desprotegido”
Aluno b: “Beijo e pelo sexo”
Aluno c: “Aperto de mão, como a herpes”
Aluno d: “Sexo sem camisinha”
Aluno e: “Pelo sangue na hora do parto”

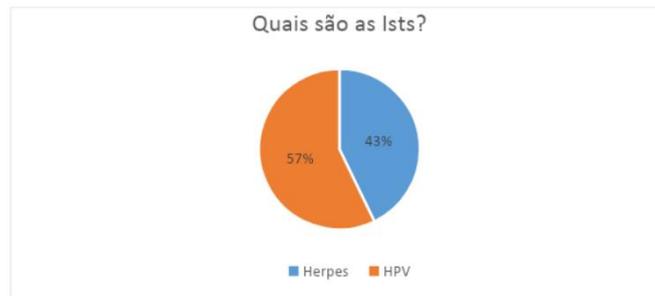
Fonte: Autoria própria, 2024.

Dado o resultado obtido, é válido lembrar que existem diversas formas de contrair uma IST. Elas podem ser transmitidas por meio do contato sexual vaginal, anal ou oral, assim como pelo compartilhamento de objetos contaminados, como seringas e instrumentos cortantes, não apenas, as práticas sexuais sem proteção aumentam significativamente o risco de transmissão. Além disso, algumas ISTs apresentam sintomas evidentes, como dor durante a micção, corrimento vaginal, feridas, coceira e inflamação da área genital. Exemplos incluem a sífilis, a gonorreia e a clamídia. No entanto, muitas ISTs podem ser assintomáticas, o que significa que a pessoa infectada não apresenta sinais visíveis da doença. Isso inclui infecções por HIV, herpes genital e o papiloma vírus humano (HPV).

Portanto, o uso de preservativos como a camisinha (masculina ou feminina) em todas as relações sexuais (orais, anais e vaginais) é o método mais eficaz para evitar a transmissão das ISTs. Vale ressaltar que o uso da camisinha também ajuda a prevenir a gravidez precoce (Ministério da saúde, 2022).

A quinta questão indagava sobre quais são as ISTs e os alunos citaram as mais lembradas por eles, e cada aluno poderia citar mais de um exemplo. A IST mais citada foi o HPV, lembrada por 16 alunos. A segunda IST mais citada foi a Herpes, citada por 12 estudantes, e juntamente com o HPV, foram as infecções mais abordadas e questionadas pelos alunos durante as aulas, conforme apresenta o (Gráfico 2).

Gráfico 2 – ISTs mais citadas pelos alunos.



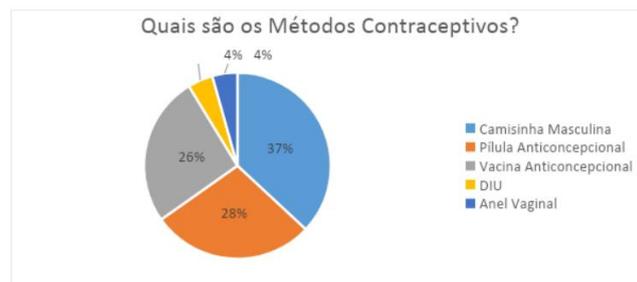
Fonte: Autoria própria, 2024.

Durante a aula, houve uma ampla discussão sobre a infecção pelo HPV e pela Herpes, especialmente devido aos esforços do Governo Federal em promover campanhas de vacinação gratuita contra o HPV nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). A questão do herpes foi abordada devido à sua alta facilidade de contágio, que pode ocorrer não apenas através de relações desprotegidas, mas também por meio de gestos simples, como um aperto de mão.

Vale evidenciar que o HPV é um agente causador de uma infecção sexualmente transmissível (IST) significativa. Se não for tratada, a infecção por HPV pode progredir para câncer do colo do útero em mulheres, câncer de pênis em homens e câncer de garganta em ambos os sexos, especialmente em casos de contato sexual oral (Instituto Nacional de Câncer, 2019).

Em relação a quais são os métodos contraceptivos, o mais apontado foi a camisinha, lembrado por 17 alunos. A pílula anticoncepcional foi citada 13 vezes, seguida pela vacina anticoncepcional citada 12 vezes, o Dispositivo Intrauterino (DIU) e o Anel Vaginal foram mencionados, respectivamente, 2 vezes, como demonstrado no (Gráfico 3). Curiosamente, a camisinha feminina, a vasectomia e a laqueadura foram os métodos menos lembrados, aparecendo apenas 1 vez no questionário.

Gráfico 3 – Métodos contraceptivos mais citados pelos alunos



Fonte: Autoria própria, 2024.

O resultado sugeriu uma tendência entre os estudantes de priorizar métodos contraceptivos reversíveis e de curto prazo, como por exemplo o preservativo masculino e os contraceptivos orais e injetáveis, em detrimento de métodos irreversíveis, como a vasectomia e a laqueadura., que foram os menos mencionados. A preferência pelo

preservativo masculino pode estar relacionada à sua ampla disponibilidade, baixo custo, facilidade de uso e, sobretudo, à sua eficácia na prevenção da gravidez e de ISTs.

Por outro lado, métodos contraceptivos irreversíveis como vasectomia e laqueadura tubária são opções de longo prazo e exigem comprometimento e determinação mais sérios por parte dos usuários. Embora sejam altamente eficazes na prevenção da gravidez, não protegem contra as ISTs, e geralmente são considerados como escolhas para casais que já têm filhos e desejam encerrar sua capacidade reprodutiva de forma permanente.

É importante ressaltar que a escolha do método contraceptivo depende de diversos fatores, como idade, saúde, orientação sexual e preferências pessoais. Portanto, é importante compreender as diversas opções disponíveis e a sua relativa eficácia para que cada indivíduo possa tomar decisões informadas que atendam às suas necessidades e circunstâncias específicas.

Questionados acerca de como o conhecimento da educação sexual pode contribuir na vida deles, obteve – se um resultado de (84,21%) e a tabela a seguir (Tabela 4) apresentara algumas das respostas dos alunos acerca da questão.

Tabela 4 – Resposta dos alunos para a questão da importância da educação sexual

Aluno n: “Ajudando a me cuidar corretamente”
Aluno o: “Ter a consciência de usar preservativo”
Aluno p: “Para eu saber como me proteger corretamente”
Aluno q: “Para a prevenção de infecções”
Aluno r: “Ajudando a saber quais cuidados devemos ter na hora da relação”

Fonte: Autoria própria, 2024.

O resultado positivo dos alunos, alcançando (84,21%), reflete não apenas sua compreensão do conteúdo, mas também o impacto significativo que o conhecimento em educação sexual pode ter em suas vidas. A educação sexual é muito mais do que apenas aprender sobre anatomia e fisiologia, ela fornece aos jovens as ferramentas necessárias para lidar com questões relacionadas à sexualidade, relacionamentos e saúde de maneira saudável e responsável.

Ao receber uma educação sexual abrangente, os alunos são capacitados a tomar decisões informadas e conscientes sobre sua saúde sexual e reprodutiva. Eles aprendem sobre consentimento, prevenção de ISTs e Gravidez na adolescência, contracepção, bem como sobre os aspectos emocionais e psicológicos dos relacionamentos íntimos. Esse conhecimento não só os protege de riscos à saúde, mas também promove relacionamentos mais saudáveis e respeitosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos impasses significativos enfrentados pela instituição e pela comunidade, como a escassez de recursos na escola, a limitação de materiais didáticos e a carência de profissionais de saúde no posto local, incluindo campanhas de vacinação, prevenção e sensibilização, a metodologia sugerida atingiu os desfechos desejados, tendo em vista que enfatizou a relevância da abordagem da sexualidade de maneira participativa, possibilitando aos estudantes manifestarem suas indagações e apreensões acerca da atividade sexual.

As práticas executadas foram bem acolhidas pelos discentes, os quais sentem carência de modalidades de instrução distintas daquelas formais realizadas rotineiramente. Isto sugere que os alunos reconhecem que diversas estratégias de ensino podem enriquecer as suas experiências educativas e promover uma aprendizagem mais eficaz e envolvente. Essa receptividade positiva ressalta a importância de explorar métodos de ensino inovadores que atendam às diversas necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos. Além disso, sugere uma disposição por parte dos discentes em se engajar de forma mais ativa e participativa em seu próprio processo educacional, buscando uma experiência de aprendizado mais dinâmica e estimulante.

Deste modo, destaca-se a relevância de implementar práticas educativas inovadoras que promovam a interação entre professores e alunos sobre saúde sexual. A falta de orientação adequada, a necessidade de segurança pessoal e a curiosidade sexual encorajam os adolescentes a envolverem-se em atividades sexuais de risco ao não adotarem medidas contraceptivas que previnam a propagação de qualquer infecção sexualmente transmissível.

Por isso, a promoção da educação em saúde sobre sexualidade nas escolas é um imperativo fundamental para o desenvolvimento holístico dos estudantes. Ao receber uma educação abrangente sobre saúde sexual na escola, os estudantes são capacitados a entender não apenas os aspectos físicos, mas também emocionais e sociais da sexualidade. Isso não apenas reduz o risco de comportamentos sexuais de risco, mas também promove o respeito mútuo, a igualdade de gênero e a autoestima.

Além disso, ao discutir abertamente questões sexuais na escola, é criado um ambiente seguro onde os alunos se sintam confortáveis para fazer perguntas, procurar apoio e expressar preocupações. Dessa forma, promover a educação para a saúde sexual nas escolas não é, portanto, apenas uma medida preventiva, mas também um investimento no bem-estar e na saúde futura dos jovens. É um passo crucial para capacitá-los a tomar decisões informadas e saudáveis em todas as áreas de suas vidas, contribuindo para uma sociedade mais saudável e equitativa como um todo.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 21, 2003.

ALMEIDA, Obertal da Silva; SANTOS, Betânia Gomes. **Educação Sexual na ótica de estudantes de ensino médio na Bahia.** Revistas Eletrônicas da PUC, São Paulo, v. 7, n. 2, 2014.

BORTOLINI, A. et al. **Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica.** Rio de Janeiro: Instituto de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - Ensino Médio.**2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Proteger e cuidar da saúde dos adolescentes na atenção básica.** Brasília. 2018.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Brasília, MEC, 2018.

BRASIL. **Ministério da Saúde -Secretaria de vigilância em saúde -Boletim epidemiológico -Sífilis.** Brasília, v. 49, n. 45, Out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS,** 2019.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio.** Londrina: EDUEL, 2010.

GODOL, Thiago Andre de Faria; OLIVEIRA, Hueder Paulo Moisés de; CODOGNOTO, Lúcia. **Tabela periódica: Um “super trunfo” para alunos do ensino fundamental e médio.** Química Nova na Escola. v. 32, n. 1, fev. 2010.

GOVERNO DO MARANHÃO. **Maranhão abre Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência com debate sobre o tema,** 2022.

GAVA, Thais; VILLELA, Wilza Vieira. **Educação em dsexualidade: desafios políticos e práticos para a escola.** Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana, Rio de Janeiro, n. 24, p. 157-171, 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. Perguntas frequentes: **HPV,** 2019.

KOERICH, M. S. et al. **Sexualidade, Doenças Sexualmente Transmissíveis e Contraceção: atuação da enfermagem com jovens de periferia.** Revista enfermagem. UERJ, Rio de Janeiro, v. 2, n.18: p. 265-271, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência – 01 a 08/02,** 2019.



MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis** – Prevenção, 2022.

ROSA, L.M., et al. **Promoção da saúde na escola: prevenção da gravidez e de infecções sexualmente transmissíveis**. Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 1, p. 706-716, 2020.

TAQUETTE, Stella R. **Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência**. Adolescência e Saúde, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 72-77, 2013.